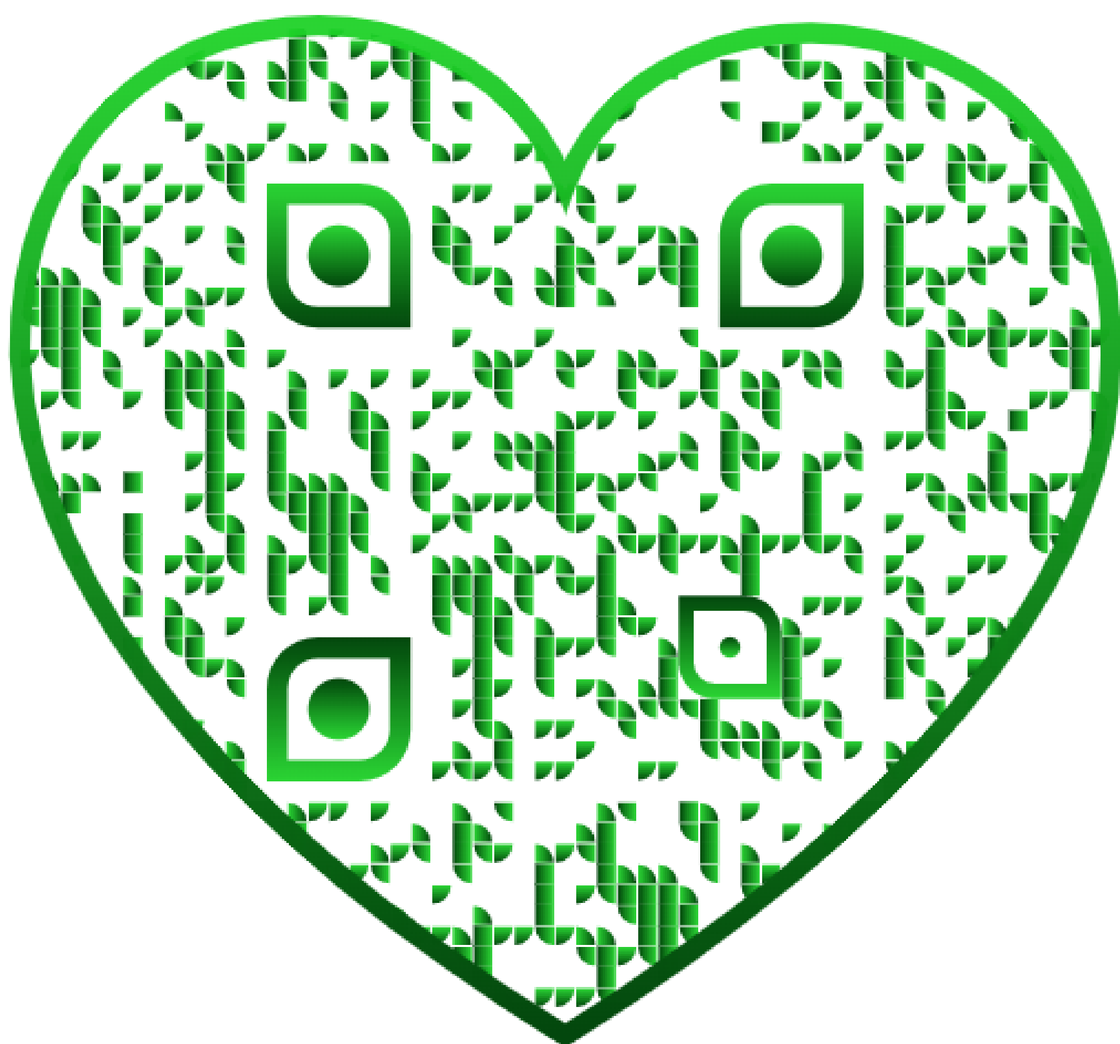
Aléxia Macêdo

UM CONTO SOBRE DOR, PERDAS
E A IMPORTÂNCIA DE RECOMEÇAR

24 horas PARA ESCOLHER viver

LIVRO I



24 HORAS PARA ESCOLHER VIVER

Uma história sobre perdas, persistência e recomeços.

UM CONTO DE

Aléxia Macêdo



Copyright © 2017
Aléxia Macêdo

Todos os direitos reservados.
Plágio é crime. Denuncie!

Capa e Diagramação: Aléxia Macedo

Prólogo

Sigo pela rodovia com os olhos repletos de lágrimas. A noite está chuvosa e os pingos de água caem sob o para-brisa do carro. Sinto como se a natureza refletisse exatamente o meu estado emocional. O céu nublado não me permite ver as estrelas, como eu havia prometido a mim mesma que faria. Em meio a tudo que já me aconteceu eu já deveria ter aprendido que não se pode prometer algo em que há chances de ser interferido.

A estrada está completamente vazia, como já era de se esperar. Em plena noite de véspera de natal as pessoas costumam estar felizes e comemorando com suas famílias, seus amigos. 'É dia de agradecer', dizia minha mãe. Hoje eu só vejo perdas.

Pensei diversas vezes já em fazer algo que apagasse as memorias, mas em não consegui encontrar nada com que, consequentemente, não acabasse com a minha vida também.

E já cogitei essa ideia. Cogito todos os dias.

Penso nisso todas as noites antes de ir dormir e todas as manhãs ao acordar. Quando eu seguro no volante do carro ou uso os elevadores no trabalho de estágio. Quando subo e desço diariamente as escadarias da faculdade ou espero o trem na plataforma, olhando fixamente para os trilhos e escutando o barulho dele vindo.

Mas em todos esses momentos algo parece me impedir. Um pensamento estúpido ou uma covardia. O medo de não saber o que está do outro lado. Ou a esperança boba de que no dia seguinte essa dor vai passar. Que esse buraco será preenchido.

Mas adivinha?

Nada acontece.

Nunca acontece.

Tudo que tinha que acontecer, infelizmente, aconteceu. E não tenha um dia sequer que eu não pense nisso. Um dia que eu não imagine as luzes amarelas e vermelhas do caminhão piscando em minha frente, o barulho do metal sendo completamente esmagado. Os gritos. E o silêncio. O sangue. O corte. O vidro. A dor. Latejando por dentro e por fora. Pelos ouvidos, pela pele, pelo coração.

Meu celular vibra pela terceira vez no banco ao lado e, mesmo sabendo que é minha vó, eu confiro na tela. Basta um segundo, um desvio de olhar e eu escuto tudo que minha mente estava tentando esquecer.

As luzes vermelhas dessa vez não vêm da frente, mas do fundo. Parece que as lembranças resolveram tomar formas reais e meu pesadelo me atormentar enquanto estou de olhos abertos. O barulho é de metal sendo amassado e o pneu parece desliza pelo asfalto sem nenhuma dificuldade.

E então, tudo novamente. Um grito, que escapole de minha boca em um ato reflexo. O sangue, o corte e o vidro. Por fim, a dor. E então o silêncio e escuridão.

19:05
24 de Dezembro

- Senhora? É... Catarina? – Sinto meu braço latejar, assim como a minha cabeça. Tento abrir os olhos, mas parece muito trabalhoso. Como se exigisse de mim todas as forças.

- Ahn – digo ao tentar responder. É mais um gemido do que uma resposta, mas deve indicar o quanto de dor eu sinto e que estou viva, apesar de não querer.

- Ela não está nada bem, mas vai ficar. É uma mulher de sorte. Isso poderia ser muito pior! – Escuto ainda mais longe a voz suave de uma mulher.

Sorte. Que grande merda de sorte!

Forço mais um pouco e então consigo abrir meus olhos. Vejo o céu completamente nublado. E com fumaça. Como se tivesse ocorrido um incêndio.

- Ela acordou! – escuto a voz forte e grossa de um homem, mas não consigo me mover para vê-lo. Tudo que minha posição e a dor permitem é olhar para cima. Olhar para o céu.

- O que... acon... aconteceu? – pergunto, juntando as forças que há em mim. Meu Deus! Como é que pode ser tão difícil falar?

- Como se sente? – vejo um rosto cobrir a minha visão do céu. Meus olhos demoram em conseguir focalizar a imagem que está diante de mim. Mas em alguns segundo eu consigo vê-lo.

- Dor – obviamente em circunstâncias normais eu conseguiria dizer algo como "estou com dor", mas parece que toda minha capacidade para falar se resume apenas a uma palavra.

- Ok. Imaginei – ele sorri um pouco forçado como se tentasse melhorar as coisas. Melhoraria muito se ele pudesse me dizer o que houve sem eu ter que juntar novamente todas as minhas forças para pedir por isso. – Caso esteja se perguntando o que houve você sofreu um acidente. Um caminhão bateu na traseira do seu carro, que derrapou pela estrada e capotou.

Mesmo tentando com todas as minhas forças manter a calma, eu começo a chorar. As lágrimas apenas escorrem sem esforço e eu fico arfando, mas até isso dói.

- Ei, ei. Vai ficar tudo bem, se acalme. A ambulância está chegando. – informa ele assim que ouço o barulho estridente do carro e as lues vermelhas se aproximando. - Precisamos avisar a sua família, mas seu telefone está bloqueado,

não temos como encontrar contatos. Você pode falar algum número?

Balanço a cabeça em negativo e ele parece um pouco espantado.

- Vou... - respiro fundo tentando me acalmar e conseguir forças, ele me olha atentamente, com paciência. - ficar bem?

- Foi um acidente e tanto, mas como a Roberta, a outra policial, disse, você é uma menina de sorte. Sem grandes sequelas. Provavelmente ficará essa noite em observação, tomando alguns medicamentos e amanhã poderá passar o natal com sua família.

Fecho os olhos e respiro fundo. Sinto doer um pouco, mas, por algum motivo, a dor parece estar diminuindo, enquanto sinto a sensação de estar sendo sufocada pelas minhas memórias.

- Não avise... A ninguém – abro novamente meus olhos e ele balança sua cabeça em afirmação, mas ainda parece confuso. - Deveria pôr fim... Acabar... - arfo e tento respirar com calma novamente- com tudo isso.

- Como assim? – Ele parece ainda mais assustado agora.

- Você sabe... Por fim... Em tudo – forço um sorriso e então imagino que estou fazendo uma cara de maluca.

E eu realmente devo ser algum tipo de louca psicótica. Depois de tudo que fiz aos meus pais e meu irmão, é um preço muito baixo a se pagar. Sorrio novamente e então alguém me puxa para dentro de um carro, que imagino ser uma ambulância.

06:20
25 de Dezembro

Abro os olhos e vejo uma parede branca. Estou completamente suada. E ofegante. Tive um pesadelo. O pior de tudo é saber o pesadelo saiu de dentro da minha cabeça e se tornou real.

Olho para o canto do quarto e vejo uma pequena árvore de natal em cima de uma mesa. No mesmo momento uma enfermeira chega. Ela é nova, provavelmente tem minha idade. Mas temos nada em comum. Começando por seu cabelo curto ruivo e seus olhos grandes e castanhos. Doces. Ela parece ser uma menina paciente e amorosa. E o seu sorriso é quase reconfortante.

- Ah, você já acordou! – ela sorri ainda mais e eu tento imitá-la por um segundo. É contagiante. – Vim avisá-la que já recebeu alta. Tem um amigo seu te esperando.

Meu estômago revira, fazendo um enorme barulho que parece que irá me engolir. Quase me faz esquecer o que ela acabou de falar.

- Amigo? – Pergunto desconfiada enquanto me levanto da cama e pego minhas roupas. Elas estão um verdadeiro trapo.

Minha blusa azul está com uma longa linha de sangue eu passo a mão pela minha cabeça, procurando o lugar do machucado. Sinto alguns pontos.

- Ah, isso – ela me olha um pouco aflita. – Seu acidente não teve grandes sequelas, você apenas machucou um pouco o braço e bateu de leve com a cabeça, abriu um pouquinho e tivemos que dar dois pontos. Nada demais. Você está bem.

Estou mesmo? Sinto novamente as lágrimas virem aos meus olhos e então a enfermeira sai do quarto. Sento novamente na cama de uma forma que minha cabeça fique entre minhas pernas. E choro. Como há muito tempo não me permito, eu choro.

Colocando tudo que eu sinto para fora, em forma de lágrimas e pequenos grunhidos. Está mais do que na hora de parar de agir como uma covarde, de ter medo.

Está na hora de acabar com tudo isso. Com os traumas. Com as lembranças. Com os pesadelos. Com a dor. Com a perda. Eu vou viver atormentada por isso tudo sempre. E sempre essas malditas coincidências vão

entrar na minha vida para me fazer lembrar, como se um dia eu pudesse esquecer.

Depois de uns bons dez minutos eu me levanto e visto minha roupa. A calça jeans surrada e velha também está com algumas gotas de sangue.

Pego meu celular e lavo o rosto antes de sair do hospital. Por um momento havia me esquecido do que a enfermeira havia falado, sobre ter um amigo me esperando.

Assim que passo pelas portas do hospital, eu avisto um homem no estacionamento, ele está encostado sobre o capô do carro. Está com óculos escuros, mas percebo que sorri enquanto eu continuo andando, então tira os óculos e o reconheço.

É o policial.

- O que você está fazendo aqui? – pergunto com revolta. Só era o que me faltava esse cara querer ser agora o super-herói.

- Queria saber como estava. E imaginei que estivesse com fome, então o que acha de comer? – ele pergunta e sorri como se essa atitude fosse a coisa mais normal.

- Isso não seria antiético, Senhor Policial? – o provoco e ele ri. Por que inferno esse idiota está rindo?

- Meu dia de folga. E é André – ele sorri e então dá uma volta no carro, abrindo a porta do passageiro. – Vamos lá, hoje é feriado de natal, seu carro está completamente amassado e duvido muito que você vá ligar para sua família, apenas me deixe te pagar um café da manhã decente. Você com fome é completamente selvagem, espero que alimentada seja mais sociável.

Reviro os olhos e parece que meu estomago é que começa a tomar as decisões por mim agora. Ando e entro em seu carro, com relutância e raiva. O que eu estou fazendo? Deveria estar indo procurar uma forma de acabar com todo esse sofrimento!

- Você está bem? – ele pergunta assim que entra no carro e o liga. Tudo que eu mais quero nesse momento é apenas comer e fugir daqui. Desse carro. De perto desse cara. E de todo o resto.

- O que você acha? – rebato, e então ligo o rádio do carro. Ele apenas balança a cabeça de um lado para o outro, de forma bem sutil, e sorri de canto.

Qual é a desse cara? Ele não se irrita com nada? Ele é um policial, já deveria estar cansado e estressado. Ou talvez seja justamente por causa de sua profissão que ele tem tanta paciência.

- Por que está fazendo isso? – pergunto depois de mais de quinze

minutos, que passaram vagorosamente.

- Isso o que? – ele pergunta de volta, mas sei que sabe muito bem o que o *"isso"* significa.

- Se importando comigo.

Ele me olha por alguns segundos e então volta a sua atenção para a rua, estamos bem longe do hospital já e parece até mesmo que estamos saindo da cidade, os prédios estão começando a dar lugar às casas simples e os carros de luxo começam a ser substituídos pelos populares.

- Você vai saber, no final do dia. – ele sorri, tirando do rosto a expressão pensativa de poucos segundos atrás.

- Não vou passar o dia com você. – eu digo, sentindo novamente a raiva tomar conta de mim. – O que te deu? Você nem me conhece!

- Catarina Brandão. 24 anos. Estudante de Geografia. – ele para o carro, finalmente, na frente de uma padaria. O lugar parece ser velho e caindo aos pedaços. – Sério? Estudar as rotações da terra e o clima? Que coisa mais chata! Por isso que você deve estar com tanta raiva de si mesma. Eu nunca me perdoaria se entrasse em uma faculdade dessas.

Não posso deixar de rir um pouco. E assim que os cantos da minha boca se levantam em um sorriso, mesmo que seja sutil demais, eu percebo que faz muito tempo que isso não acontece de forma tão natural.

- Geografia não é só isso. Isso é pontinha do iceberg. – respondo, deixando o sorriso permanecer ainda mais alguns segundos em meus lábios.

Ele abre a porta do carro e eu faço o mesmo, antes que ele tente ser cavalheiro ou algo do tipo. Assim que entramos na padaria percebo que o lugar não fede a mofo e pão velho.

Parece, na verdade, que eu me teletransportei para cinco ou seis décadas atrás. O lugar é totalmente acolhedor e aconchegante.

- Querido, que bom que veio! – uma mulher diz enquanto se aproxima de nós. Ela deve ter uns cinquenta ou sessenta anos, tem cheiro de doce e café. E um sorriso contagiante. – Fiz uma receita de um bolo especial de natal.

- Que bom, Estela! Vamos pegar uma mesa e você leva para nós alguns pedaços, mais o de sempre, por favor? – o André fala e então percebo que eles são amigos.

Não demora muito e então uma mulher mais ou menos da minha idade volta. Ela tem cabelos vermelhos, não como os da enfermeira. São vermelhos cor de fogo e um batom da mesma cor. Mesmo sendo ainda somente sete horas da manhã.

- Qual a ponta do seu iceberg? – o André pergunta assim que a garçonete sai, dando uma leve piscada de olho para ele. Não a julgo tanto, se eu não estivesse tão revoltada com o André também ficaria encantada.

- Como assim? – pergunto enquanto engulo um pouco de café e pego um pedaço do bolo todo colorido de vermelho e verde, que eu suponho ser o *"Especial de Natal"*.

- Você falou sobre o ponto do iceberg que é estudar Geografia. – ele diz calmamente e eu mordo um pedaço do bolo especial, parece que é como eu imagino comer um pedaço de nuvem de um desenho animado: macio e completamente delicioso. – Qual a ponta desse seu iceberg?

Termino de mastigar, agora com um pouco mais de dificuldade. É claro que ele ia querer saber o que aconteceu comigo. O que está acontecendo. Claro que ele vai querer de alguma forma, me ajudar. Salvar-me. Mas não é possível. Ninguém pode.

- Por que você quer saber? – pergunto e então cruzo meus braços sobre a mesa.

- Eu apenas quero saber por que você está pensando em acabar com sua vida. – ele dá de ombros como se falar essa frase fosse algo simples. Acabar. Dar um fim. Simples.

- Você vai estar congelado antes de conseguir entender. – sorrio e ele também sorri com o trocadilho. Pode parecer uma piada idiota, mas é assim que eu me sinto. Congelada. Parada naquele momento. Afundando nele.

- Vamos começar com a ponta. – Ele diz.

- Sou órfã.

06:55

Ele apenas me olha. Não demonstra espanto. Não demonstra pena. Apenas levanta suavemente as sobrancelhas, em um sinal para que eu prossiga.

- Faz um ano hoje. Meus pais e o meu irmão morreram em um acidente de carro – dou de ombros, como se não me importasse, mas é tão evidente que me importo como é evidente que eu estou respirando agora.

- Não aconteceu nada com você? – ele pergunta e eu apenas balanço a cabeça, em negação. Antes tivesse. – Você parece ser ilesa a esse tipo de coisa, não é mesmo?

- Infelizmente – levanto as minhas sobrancelhas e ele balança a cabeça novamente, sorrindo.

- E por isso você quer acabar com sua vida? No dia em que mais é propagado a esperança e amor? – ele sorri, sarcasticamente. Qual é o problema dele?

- Deve ser clichê falar isso, mas a verdade é que ninguém vai sentir minha falta, te garanto – bebo mais um gole do café e então pego o meu casaco. Chega disso.

- Me dá até às oito da noite, então – ele segura minha mão na mesa antes que eu me levante. Seu sorriso sarcástico some do rosto e ele parece estar implorando com seus olhos castanhos escuros. Isso parece ser uma coisa importante para ele.

- Para que? – pergunto, reencontrando as palavras que ficaram perdidas. Em meio a todo meu drama e problemas, eu não tinha percebido o quanto ele é bonito.

- Te fazer escolher viver – ele diz como se fosse simples. Tudo que ele fala carrega uma leveza que me dá raiva. Sua mão aperta a minha contra a mesa e eu sinto o ar me faltar. Meus olhos queimam um pouco. – Só isso que peço, 24 horas para escolher viver.

- Olha, não sei que coisa é essa, deve ser algo do seu oficio, de querer salvar as pessoas ou sei lá o que, mas não se importe comigo. Amanhã você vai ter mais alguém para salvar, um pai bêbado em um carro talvez. E aí não vai se lembrar de mim – eu forço um sorriso.

As palavras saem da minha boca, mas pareço sentir algo mais forte dentro de mim. É como se tudo estivesse sendo inclinado e pedindo para ser salva. Mas isso é impossível, não posso mais ser salva.

- Me deixa escolher isso – ele me olha e então solta devagar a minha

mão. Essa é minha deixa para me levantar e ir embora. Eu me levanto, mas meus pés não se movem.

Mais de um minuto se passa até que ele sorri e se levanta, deixa o dinheiro em cima da mesa e então começa a andar para fora e entra no seu carro. Sem pensar, eu apenas o sigo.

- Isso é perda de tempo para você. Não vai fazer diferença em sua vida, apenas me deixe ir – eu falo olhando para ele través da janela do carro. Eu olho para a estrada a minha frente e então para o carro algumas vezes.

- Você não pode dizer o que faz ou não diferença para mim. E eu posso apenas te deixar ir, mas eu sei que você não quer – ele fala e então eu engulo em seco, sentindo a raiva tomar conta de mim novamente.

- Você nem me conhece! Saber qual meu sobrenome, quantos anos eu tenho e o que eu estudo não significa nada. E essa é a ponta do meu iceberg. E ou você me deixa simplesmente afundar nele ou você vai acabar afundando junto, assim como todo mundo que tentam me ajudar.

- Me permita escolhe – ele me olha atenciosamente. – Eu entendo você.

Aquela última frase me fez perguntar *como?* Como você pode entender? Ninguém entende. Não tem como entender.

Mas sem pensar mais, eu apenas entro no carro. E fecho a porta. Não consigo analisar direito a situação e absorver tudo isso que acontece comigo. Ontem era a chance perfeita para tudo acabar. Mas nada aconteceu. Nem uma sequela, nem um osso quebrado.

Eu estou aqui. Viva. Com apenas dois pontos na cabeça e as dores ainda latentes no coração.

07:23

Ele continua dirigindo e já percebi que saímos da cidade há muito tempo, nunca segui por esse lado, mas eu posso sentir o cheiro de mar de longe, então me parece que estamos indo para o litoral. Já perguntei mais de três vezes qual é o nosso destino e ele não disse nada, apenas colocou seu CD de Oasis para tocar.

Sua sorte é ter um bom gosto musical, pois eu posso aturar muita coisa, mas de jeito nenhum suporto ouvir música ruim.

- *Slip inside the eye of your mind, don't you know you might find a better place to pla*y... – ele cantarola baixinho junto com a música e o analiso, pensando se ele escolher cantar essa música de proposito ou não. Resolvo não me deixar levar por essa questão e começo a cantarolar a música também.

Quando percebo já tínhamos cantado mais de cinco músicas e então, mesmo sem ver o mar, posso ter certeza que de fato estamos no litoral, já posso sentir o cheiro do sal da água do mar e ouvir o barulho das ondas ainda distantes se misturando com as batidas de *Wonderwall*.

- Hoje o dia está um pouco frio para tomar um banho de sol, não acha? – pergunto ironicamente assim que avisto por entre algumas arvores a imensidão de água azul, e ele sorri.

- Não era bem nisso que eu estava pensando.

Ele estaciona o carro na frente da praia e então sai. Eu o sigo ainda me perguntando o que estou fazendo e porque, novamente, estou fugindo do fim.

Ele se senta sobre o capô do carro e me estende a mão quando olho um pouco assustada. Olho para sua mão e reviro os olhos, pulando em cima do carro e sentando ao seu lado. Encosto minhas costas no para brisa e vejo algumas gaivotas no céu nublado.

- Esse é seu plano maravilhoso de me fazer escolher viver? – pergunto enquanto me viro e o vejo. Seu cabelo loiro, quase castanho um pouco mais comprido que o convencional, balança com o vento que bate em nós, sinto alguns fios do meu cabelo avermelhado chicotear minhas bochechas, mas não me incomodo. É bom poder sentir algo que não seja tão interno.

- No final do dia, nós voltamos sobre a ideia do meu plano maravilhoso – ele sorri e então eu reviro os olhos. – Para de revirar os olhos, isso é irritante.

Sorrio diabolicamente e começo a revirar os olhos várias vezes, ele

solta uma pequena risada. Eu sorrio também, constrangida e me sentimento absurdamente idiota. Mas uma parte de mim, e isso eu me recuso a confessar em voz alta, se sente feliz. Não verdadeira feliz, não segura de mim mesma, não contemplada pela vida. Mas feliz.

Ficamos em silêncio e então eu me pergunto novamente o que estou fazendo. Essa pergunta que nunca sai de minha mente me leva a exaustão dia após dia. É como uma música chata que o vizinho insiste em colocar todas as manhãs de domingo e que você não tem o controle para simplesmente desligar, então fica ali, com ela em mente mesmo que a contra gosto.

Não sei o que eu estou fazendo agora, mas eu apenas fecho os meus olhos e fico ouvindo o barulho das ondas quebrando sobre as rochas e na praia, sentindo o cheiro da água salgada e o vento fazendo meu cabelo bater em meu rosto, deixando minhas bochechas ardendo por causa do frio.

Viro-me e então vejo o André me encarando. Na verdade ele está olhando para o meu ombro de uma maneira um tanto assustadora.

- Você realmente está usando uma blusa manchada de sangue? – ele me pergunta e eu dou de ombros. Ele então desce e volta para dentro do carro. – Um minuto.

O observo, curiosa, e vejo-o puxar de dentro de uma sacola preta com bolinhas cor de rosa, uma blusa. Ela é de alças finas e paetês, totalmente brilhosa e escandalosa, apesar de ter certo ar de elegância. Parece cara.

- Aqui – ele joga a blusa em cima de mim. Meu coração bate um pouco mais forte do que eu gostaria, quando vejo aquela blusa.

- Sério que você vai me dar a blusa da sua namorada? – tento não transparecer decepção e ele não parece perceber também, já que é sua vez de revirar os olhos.

- Não tenho namorada. É da minha irmã, ela sempre esquece algo aqui quando vai fazer compras – ele dá de ombros e então se vira para o outro lado. – Não vou olhar. Agora troca logo de blusa.

Eu não sei por que, mas eu o obedeço. Imagino se ele é algum tipo de vilão que controla as mentes e tudo que ele manda fazer, eu simplesmente faço. Mas não acredito que seja isso.

Ele apenas me passa um tipo de segurança, confiança. Todos esses *"anças"* que há algum tempo eu busco. Ele parece ser um cara legal, sem dramas, sem problemas. O contrário de mim.

- Bem melhor – ele se vira e então volta a se sentar ao meu lado, fazendo um grande barulho. – Então, o que você tem feito?

- O que você está fazendo? – eu pergunto, rebatendo a sua pergunta.

- Cumprindo uma promessa.

- Qual?

Ele sorri, parece que acabou de acertar um alvo, o que só desperta ainda mais a minha curiosidade.

- Ahn, ahn. Antes você vai me falar o que você tem feito.

- Já te contei o essencial, e, sinceramente, não sei o que relembrar das minhas dores vai ajudar em alguma coisa a não ser fortificar a ideia de que eu não devo estar viva enquanto todos que eu mais amava estão mortos.

Ele balança a cabeça em afirmativa e volta o seu olhar para o mar. Eu faço o mesmo, sentindo meus olhos novamente arderem.

- Você não tem nada melhor para fazer no feriado de Natal, não? Uma família para dividir o Peru e comer as sobras da ceia de ontem? – pergunto um tanto revoltada, depois de minutos de silêncio, sentindo a raiva começar a arder dentro de mim aos poucos.

- Nem você – olho assustada. E depois de longos minutos nos encarando, eu acho graça e rio, junto com ele.

- Você é horrível! Graças a Deus é um policial e não um psicólogo! – digo ainda rindo.

- Não acredito que com você os métodos tradicionais vão funcionar. Você não faz do tipo que gosta de sentar em um divã e falar com alguém paciente e educado.

- E como você tirou essa conclusão?

- Pela sua postura. Esse seu jeito de durona, mesmo sendo totalmente frágil, fala que vai se matar e acabar com tudo, mas tem uma autodefesa incrível. É uma mistura de ser fraca com ser forte, que não te permite nem prosseguir, nem desistir.

Olho para ele que apenas sorri e dá de ombros, voltando a olhar para o mar. Por algum motivo, eu começo a me sentir mais leve. Não que eu ainda não sinta o peso da perda e dos medos, mas com certeza é um alívio.

Mas não é um motivo ainda para escolher continuar. Não quando escolher viver significa escolher carregar sempre todas aquelas memórias dolorosas.

09:46

- Você realmente não tinha nenhum plano em mente, né? – digo enquanto começo a andar pela areia da praia, chutando alguns grãos que acabam acertando a calça do André.

Ele se vira para mim e cruza os braços, mesmo usando uma camiseta jeans grossa consigo ver seus músculos bem definidos... *Foco!*

- Eu tenho todo um plano em mente de como salvar a sua vida – ele me diz e dá um sorriso torto e irônico que me faz, por alguns segundos, desligar todo o turbilhão que se passa em minha mente.

Por alguns segundos, apenas.

- Você se acha muito – não consigo evitar o sorriso que escapole da minha boca. - E qual é esse grande plano de super-herói?

- Você vai descobrir quando sentir vontade de viver, já disse. Deus, como você é teimosa!

Sinto uma inquietação consumir meu coração. Não poderia revelar isso para o André, mas tudo que eu mais queria era um pouco de estabilidade. De entender pelo menos por uma única vez o que eu sentia. Eu quero que tudo isso acabe, ao mesmo tempo não tenho coragem para dar um fim, então sigo minha vida com o desejo que algo aconteça e que tudo se apague.

E eu sei o quanto isso parece dramático e horrível demais para uma pessoa que tem todos os motivos do mundo para ser feliz, que tem uma família a redor da mesa para dividir a ceia, um irmão para brigar pela comida e presentes, uma mãe amorosa que às vezes se estressa.

Mas as coisas são bem mais complicadas quando não só você não tem, mas, principalmente, quando você costumava ter e, então, em alguns segundos, tudo se apagou ao seu redor, e só você está ligada. Sozinha. Em meio a toda a escuridão que a falta das outras pessoas deixou em sua vida.

- Você, por acaso, não está pensando em correr e se afogar né? – o André pergunta, me tirando do completo transe que eu entro sempre que paro para pensar nisso tudo. – Isso acabaria com todo o meu plano e quebraria uma promessa muito importante.

- Sabe... – digo me sentando na areia e olhando para o mar, novamente. Ele se senta ao meu lado e me olha, o que me faz virar em sua direção também. – Você não deveria fazer promessas com coisas que podem falhar com aquilo que não estão somente em suas mãos, mas que também dependem dos

outros. Ou do universo.

- Na verdade, eu posso sim. – Ele sorri sarcasticamente e eu reviro os olhos. – A promessa é importante e tem um grande significado para mim, não me importa o quanto ela seja difícil. Nem mesmo que eu tenha que ter o dobro de trabalho, eu sempre vou buscar cumpri-la. Posso não conseguir sempre, mas dou meu melhor.

Balanço a cabeça em afirmação. Ele tem razão. Ele está lutando pelo que ele acredita, e eu me sinto mal, mas eu também estou fazendo isso. Estou lutando pelo que eu acredito.

E o que eu acredito é que eu não posso viver mais dessa maneira.

- Você tem religião? Acredita em Deus, Jesus? – Ele me pergunta após alguns minutos em silêncio, ouvindo apenas as ondas quebrando na praia.

- Não – respondo quase sem pensar, e então sinto um arrepio. – Não é que eu seja insensível a isso, e não é como se não acreditasse. Eu acreditava bastante antes, acho. Mas hoje não tem como eu acreditar e mesmo assim querer morrer.

- Você parece que decide tudo com base no fato de que vai morrer – a voz dele se exalta e demonstra plena irritação. – Você não pode fazer isso. Você tem que fazer as coisas pelo fato de estar viva e não pelo fato de que vai morrer. Todos vão morrer, eu posso até mesmo morrer antes de você, e aí?

- É diferente. É bem mais complicado que isso

Espero que ele se irrite logo, de uma vez por todas, e me deixe em paz. Assim como todos fazem, perdem a paciência, perdem a vontade de ajudar e simplesmente me deixam.

- Vem aqui – ele se levanta e estende a mão, para que eu também me levante. – Eu quero te levar em alguns lugares, você conhece essa cidade?

Eu apenas balanço minha cabeça em negação, não sei nem o nome do lugar onde estamos. Eu espero alguns segundos e então apenas dou minha mão a ele e me levanto.

10:03

Ele desliga o carro e paramos na frente de uma casa. Tem a grama meio amarelada na frente, um pouco seca, típica do verão e desse calor infernal que faz aqui no Natal.

A casa é bem antiga, dá para ver isso pela sua arquitetura. Mas é linda. E muito bem cuidada. Pintada de branco com detalhes em amarelo, demonstra certo tipo de alegria.

Estamos do outro lado da rua e as portas da casa estão abertas, quatro crianças brincam na varanda tranquilamente e dentro de casa posso ver uma árvore de natal brilhando, mesmo que ainda seja de manhã.

Uma mulher aparece na porta e coloca a mãos na cintura, sorrindo ao ver as crianças brincando, provavelmente, com seus novos brinquedos. Eu não posso deixar de sorrir também.

- Você está sorrindo – André observa. E imediatamente desfaço toda boa sensação que senti segundos antes. – Você estava sorrindo!

- Não, os cantos da minha boca apenas se levantaram levemente – eu dou um sorriso forçado e então volto a minha expressão de sempre. – O que você quer me mostrar afinal? Como os outros têm uma bela família e eu nada?

Ele apenas me olha como se quisesse me ignorar e volta sua atenção para a casa. Seu olhar se perde por curtos segundos e então ele me diz.

- Eu morava aqui quando eu era criança. Eu era um daqueles meninos abrindo seus presentes, sendo feliz, comendo biscoitos e bolo – ele sorri. – Mas então, assim como com você, as coisas acabaram. Não foi tão repentino como no seu caso, e hoje vejo o processo se desenrolar. Mas na minha mente infantil, foi do dia para a noite.

Sinto um arrepio na minha espinha e meu nariz começa a arder, o que indica que eu vou chorar. Eu sou realmente muito emotiva e muito idiota, mal escutei a história e já estou começando a me emocionar.

- O que aconteceu? – pergunto já sentindo um nó na garganta, não consigo olhar para ele, então volto a olhar as crianças brincando no jardim.

- Meus pais se separaram – ele me olha e eu não consigo esboçar nenhuma expressão. Não querendo desmerecer a dor, mas, hoje, pais se separaram a todo o momento, parece que os casamentos vêm com uma data de validade. – E minha mãe não aguentou.

Sinto novamente um arrepio percorrer minha espinha, dessa vez mais forte. Ela não aguentou. Isso pode significar tantas coisas! Penso em lhe perguntar

o que isso quer dizer, mas quando fito sua expressão eu já consigo entender tudo.

Ela simplesmente não aguentou. Ela não aguentou de verdade. O tempo inteiro eu vejo as pessoas falando que não estão aguentando. Mas estão.

Eu sei, por experiência, a força que as pessoas têm. A força invisível que carregamos dentro de nossos corações, de nossas mentes, nossos ossos, articulações, músculos. Cada força que exercemos em um dia mal para nos levantarmos, tomarmos um banho e seguirmos a vida. A força absurda que parece ser tirada do nada para darmos um sorriso e um bom dia no nosso pior dia, com nosso pior humor.

- Você vai aguentar – ele diz enquanto pousa sua mão no meu joelho, me fazendo virar meu olhar para o seu, tirando o olhar perdido através da janela. – Eu sei disso porque eu aguentei. E você é tão forte quanto eu, você está aguentando até aqui.

Eu sinto meus olhos arderem e dessa vez é impossível conter as lagrimas, que parecem cair pesadas sobre meu rosto. Ponho minhas mãos em meu rosto e abafo o som, o que acaba piorando a situação.

Tento respirar fundo várias vezes para me acalmar, mas tudo que sai são soluços desesperados. Como eu vou aguentar quando todos os dias é isso que acontece comigo, é isso que eu sinto constantemente?

Ele segura meu antebraço de forma suave, mas com firmeza. E eu começo a me acalmar enquanto seus braços passam ao redor dos meus ombros e minha cabeça pousa sobre o seu peito.

É um momento de calmaria tão grande que eu não consigo explicar. É apenas como se eu estivesse em uma grande tempestade, eu estou me afogando e, mesmo sem querer, eu não consigo parar de lutar. Até que um vento joga as nuvens para longe e o mar se acalma.

O desespero ainda está presente no coração, mas, ao redor, tudo parece bem mais tranquilo e visível.

Depois de alguns minutos assim, eu apenas me recomponho e sento-me alinhada ao banco de passageiro. Ele tem um sorriso suave em seus lábios e sua mão pousa rapidamente sobre meu ombro. O que me deixa constrangida.

Sim, depois de toda essa cena, todo esse desespero desmascarado, eu consigo me sentir morta de vergonha. André percebe isso, já que não me fala nada. Ele não me faz nenhuma pergunta, apenas liga o carro e começa a andar pela cidade.

Está quase tudo fechado, só há umas padarias e pequenos restaurantes abertos. E uma igreja, onde ele para o carro bem em frente e abre a

porta do passageiro, indicando que eu saia e o acompanhe.

Meus olhos se arregalam e meu coração palpita. Não, eu não vou entrar. Ele sabe que eu não acredito e que eu não tenho fé em mais nada.

- Não – falo antes que os meus pés inconscientemente o acompanhem. – Você sabe... Você me perguntou.

- E você me deu uma resposta. Por isso estou te trazendo aqui – ele diz, calmamente.

- Você é daqueles que simplesmente não sabem aceitar e respeitar a decisão dos outros né? – cruzo os meus braços e paro atrás dele, ele se vira e me analisa, com uma sobrancelha levantada. É difícil o confrontar sendo que ele sempre parece estar preparado para se defender. – Primeiro não aceitou o fato de que eu vou colocar um fim em tudo isso. Agora não aceita o fato de que não tenho uma religião, uma fé nem coisa do tipo.

- Eu sei respeitar. Outra coisa que eu sei analisar com precisão é o que está oculto. Você não quer se matar e você não quer acreditar. Você tem medo do que está do outro lado, por isso ainda não pôs fim. Por isso mesmo você prefere não acreditar em nada, é uma forma da sua mente se contentar de que está tudo bem em pôr um fim, é mais fácil para você. Pelo menos deveria ser.

- Você é um idiota! – aperto meus braços ao redor do meu corpo e sinto as lágrimas quentes em meus olhos. Droga! Antes que eu consiga lhe dizer mais qualquer coisa estou caminhando em direção aos degraus da igreja.

Não é uma igreja grande. Tem pouca iluminação e o local é silencioso. Ótimo para quem quer ouvir seus próprios pensamentos. Péssimo para quem quer abafa-los.

O André para logo atrás de mim e eu posso sentir nossos corpos muito pertos.

- Eu só quero que você dê uma chance, eu vou estar do outro lado, quando você achar que já acabou, apenas vá para o carro e me espere, se eu já não estiver lá.

Dar uma chance ao quê?, pergunto a mim mesma. Sentindo um vazio me preencher de uma forma inexplicável. Como é possível se sentir cheio de nada?

11:32

Não sei quanto tempo estou aqui, mas quando olho ao meu redor vejo apenas uma pessoa, e ela não é o André. Respiro fundo e então me levanto, passando a mão no meu jeans velho e com pequenas gotas de sangue.

Agora, eu estou muito mais confusa do que antes. E regredi todos os passos na coragem que eu estava tentando juntar para dar fim às coisas.

Respiro fundo novamente e saio da igreja. Vejo o André dentro do seu carro, mexendo em seu celular e reviro os olhos. Até que o dia não está demorando tanto para passar como eu imaginei, e espero que a tarde passe ainda mais rápido para que eu possa ter o controle da minha vida novamente, sem um cão de guarda.

- O que vai fazer comigo agora? – digo mal humorada assim que entro em seu carro, batendo a porta com um pouco mais de força que a necessária e recebendo um olhar fuzilante.

- Te alimentar parece uma boa ideia – ele sorri forçado e coloca o celular em seu bolso.

Enquanto nós seguimos para algum dos pouquíssimos lugares que estão abertos, eu penso em tudo que aconteceu na igreja.

Eu costumava orar bastante antes de tudo isso que aconteceu com os meus pais e meu irmão. Mas depois, eu perdi minha fé. Eu tinha perdido tudo.

E não é como se eu tivesse feito uma oração de verdade, não sei, eu apenas joguei –mentalmente- para fora minhas frustrações e pedi por respostas. Fiquei em silencio. E ouvi apenas o silencio. O que não me deixou com raiva, mas também não me trouxe esperança.

O seu carro novamente para, dessa vez em frente a um pequeno restaurante. Sento em uma mesa ao lado da janela, assim que encho o meu prato de todo tipo de comida que tem disponível naquele lugar, e vejo logo à frente algumas montanhas. Meu olhar se perde ali enquanto o André faz seu prato e vem até a mesa que escolhi.

- Espero, novamente, que não esteja planejando de jogar dali ou algo do tipo – ele diz e dá um meio sorriso. Não sei por que, mas estou completamente revoltada com a sua presença.

- Espero, novamente, que você pare de deduzir o que eu penso, o que eu quero, o que eu faço. Você não me conhece – digo enquanto coloco na boca um enorme pedaço de lasanha e a mastigo que mais força e revolta que o necessário,

sentindo meu maxilar doer no mesmo instante.

Ele arregala os olhos e se senta a minha frente, sua expressão muda no mesmo instante de irônico para sério. Ele sabe que eu estou falando a verdade. E eu também sei que estou. Mas me sinto péssima por algum motivo estranho. Com vontade de pedir desculpas pela minha grosseria, mas engulo essa vontade junto com um gole de refrigerante.

Terminamos toda a refeição em silêncio, ele mastigando com cautela, parecendo querer aproveitar cada pequeno pedaço de sua refeição. Eu, apenas jogo todas as minhas frustações na comida.

Pego de sobremesa um mousse de morango. Não é uma das minhas sobremesas preferidas, mas mesmo assim é bom. É doce. Faz um ótimo contraste com minha vida amarga.

- E você pensa em prosseguir com o seu plano? – Ele me pergunta enquanto come um pedaço do bolo de cenoura com cobertura de chocolate do qual eu não consigo tirar meus olhos.

- Não sei. – Dou de ombros. – Ao contrario de você eu não fico fazendo planos, eu apenas sigo. Estava seguindo na rodovia, mas não deu muito certo. Tem muitas coisas ainda pela frente. Pontes. Escadas. Prédios. Cordas. Remédios. Você sabe.

A expressão dele se fecha totalmente. Seu sorriso bobo some do rosto. Parece um dia ensolarado e de repente um vento que trás as nuvens pesadas. Ele realmente parece triste com isso.

- Eu te avisei – me levanto e sigo para o lado de fora. Em vez de esperar por ele no carro, apenas continuo caminhando.

Não demora muito para eu ouvir a porta do pequeno restaurante bater e passos me seguir.

- Catarina! – a sua voz grossa grita meu nome e meu primeiro instinto é parar, o segundo é correr.

Antes que eu tome conta de mim, meus pés começam a agilizar e eu viro todas as esquinas que aparecem, sem nem me importar com o fato de que eu não faço ideia de onde estou nem para onde estou indo.

Paro quando uma mão segura meu braço com força. Não preciso me virar para saber que é o André quando minhas costas batem em seu peito e eu sinto minha respiração falhar, assim como a dele.

- Você é louca? – ele pergunta e então me viro, fitando sua expressão. Ele não parece cansado como eu, mas seu rosto claro está vermelho e o seu cabelo está ainda mais bagunçado.

- Eu te avisei, André. – Dou de ombros. Minha vontade nesse momento é de chorar, o abraçar e chorar. Talvez pedir por ajuda. Mas eu sei que ele não é capaz de me ajudar e isso só pioraria as coisas. Pra mim. E para ele, que se sentiria ainda mais frustrado.

- Eu não me importo. Eu sei que não é fácil, ok? Eu sei que minha tarefa não é fácil, nunca é. E eu sei que a sua também não – ele diz e apesar de parecer bem enigmático, de certa forma eu consigo compreender. – Vamos voltar para o carro, à noite nós decidimos tudo.

Eu apenas balanço a cabeça em afirmação, com os olhos marejados. Estou tão tonta com tudo que está acontecendo que quase, bem quase, não percebo no pronome. *Nós?*

14:28

Pego novamente a garrafa com algum tipo totalmente desconhecido de energético e bebo mais um gole. Não posso deixar de tirar dos lábios um sorriso leve. De alguma forma, na última hora, o André conseguiu tirar de mim alguns sorrisos sinceros.

Não é como se eu fosse apaixonada por histórias bobas de quando as pessoas eram crianças – mesmo eu tendo milhares-, mas as deles, de alguma forma, conseguiram me fazer rir muito e esquecer por alguns longos momentos os problemas que não paravam de rodear a minha mente.

- Essa vista é a coisa mais linda de todo o mundo – digo, pela milésima vez, e respiro fundo, deitando minha cabeça sobre a pedra.

- Quando eu era criança, eu tinha o sonho de vir para cá. Queria crescer logo só para poder subir até aqui sozinho – ele diz com um sorriso no rosto.

Esse mesmo sorriso já me parece tão familiar. É algo tão puro e doce, me dá uma sensação boa de que as coisas vão ficar bem, apesar de eu saber que isso é uma mera ilusão. Lá no fundo eu sei ainda.

Estamos na pedra que eu estava observando no restaurante. Ela não é tão alta quando você vai chegando perto, por isso até que é fácil subir, sem precisar de todo aquele tipo de material de segurança.

Para nossa sorte, o sol hoje está fraco e, volta e meia, algumas nuvens tomam sua frente, deixando o clima bem agradável.

- E quando você veio pela primeira vez? – pergunto fechando meus olhos, ainda deitada.

Mesmo com os olhos fechados posso perceber que ele se deita ao meu lado, nossos braços estão encostados e eu posso sentir uma sensação que há muito tempo não sinto. Algo bom. Estranho. E muito perigoso.

- Quando minha mãe morreu – ele diz e me lembro das suas palavras no carro "ela não aguentou".

Abro meus olhos e o vejo deitado ao meu lado, como já sabia, seus olhos castanhos escuros estão me fitando e sua boca forma uma linha fina, apreensiva.

Ele sabe que eu quero perguntar como isso aconteceu, mas não vou. Eu sei como dói ter que falar sobre esse tipo de coisa, por isso apenas balanço levemente a cabeça em afirmação e ele esboça de leve um sorriso.

- Eu não entendo muito bem como as pessoas podem escolher acabar com tudo isso – ele diz e sua voz parece descontraída, como se realmente quisesse entender.

Eu o olho e sorrio levemente. Não sei por que, mas aqui, nesse momento, sentindo essa mistura de sensações e coisas leves, eu não penso em acabar e dar um fim.

Mas também sei que essa boa sensação, esse acumulado de coisas boas, vai acabar no momento que eu descer dessa pedra e entrar no carro. No momento em que eu abrir a porta do meu apartamento e sentir a solidão invadir o meu coração com a força de um carro batendo no fundo de um caminhão.

Devastador e mortífero.

- Eu também não – digo me virando para ele totalmente, ainda deitada, com a mão apoiada no rosto e o cotovelo apoiado sobre a toalha vermelha e verde que ele estendeu sobre a pedra.

- Como assim? – ele ri suave e eu abro um sorriso um pouco maior.

- Aqui, agora – digo tentando encontrar as palavras perfeitas para expressar o que sinto, mesmo sabendo que as sensações não conseguem ser limitadas em um conjunto de letras. – Eu apenas sinto vontade de viver, de respirar fundo e sorrir, deitar, fechar meus olhos e escutar o barulho desses bichos estranhos.

Ele ri e eu também, nesses poucos últimos minutos ele já descobriu o meu pânico por bichos e seus barulhos insuportáveis.

- Mas você continua com essa ideia louca em sua cabeça – ele fala, apesar de parecer uma pergunta e meu sorriso se desfaz aos poucos, assim como o dele.

- Sim. – Respiro fundo. – Porque eu sei que isso está acabando. Eu não posso viver em cima dessa pedra pra sempre. Uma hora eu vou voltar para minha casa, para minha vida e para o meu vazio. Vou descer daqui e entrar no buraco negro que me consome. Entende?

- Não, não entendo – ele diz e também respira fundo, sinto meu coração voltar a apertar, jogando fora toda a sensação boa que estava sentindo minutos atrás. – Eu entendo o que quer dizer essa sensação, mas não entendo o fato de você jogar tudo fora. Você pode virar e sei que se der uma chance a si mesma vai virar, toda essa pagina, e essa dor vai parar de latejar uma hora. E cada dia vai ser menos, vai sufocar menos até um ponto em que você não vai se sentir sufocada pela dor, apenas acariciada pelas boas lembranças.

Sinto meus olhos voltarem a arder e me viro novamente para olhar o

céu, com a cabeça encostada na toalha e meu pé tocando o pé do André, alguns pássaros voando no céu e uma brisa leve fazendo alguns fios do meu cabelo caírem sobre meu rosto.

Sufocada pela dor. É exatamente assim que eu me sinto dia após dia.

Antes que eu possa perceber algumas lágrimas escorrem pelo meu rosto e então fecho meus olhos. É uma tentativa bastante falha de conter as lágrimas, mas não tem mais nada que posso fazer.

Sinto a mão do André passando pelo meu rosto. Seu toque é leve e eu consigo me acalmar quase que imediatamente.

- Eu sei que é difícil acreditar – ele diz baixo como se outras pessoas não pudessem escutar. – Confia em mim.

Seus olhos fixam nos meus e seu rosto impede que eu desvie e veja o céu. Ele sorri levemente, de uma forma que somente os cantos da sua boca se levantam e se aproxima com cuidado, como se estivesse analisando o fato de eu empurra-lo daqui ou lhe dar um tapa.

Mas eu apenas fico sem ação. Como se todos os meus pensamentos, novamente, fossem desligados, e com isso eu não tenho mais habilidade para saber o que quero ou não.

Ele fecha os olhos e eu faço o mesmo, apenas sentindo sua mão em meu rosto, onde a última lágrima pousou, e seus lábios me beijando.

São apenas alguns minutos, até que ele se afasta novamente e se deita ao meu lado, olhando o céu. Meu coração acelera e eu não posso deixar de levar a mão à boca.

Eu não deveria deixar que ele fizesse eu me sentir especial por algumas horas, como se a minha presença no mundo importasse e ele não fosse mais ser o mesmo sem minha vida perambulando por aí.

Mas por mais que minha vontade seja lhe dizer tudo isso, eu não consigo fazer nada a não ser segurar em sua mão e olhar para o céu.

E pela primeira vez eu sinto algo único: os sentimentos bons sufocaram todo o meu medo, minhas assombrações e terror.

16:52

Depois do beijo, eu jurava que minha mente fosse virar um turbilhão de pensamentos. Mas não. Na verdade era como se, aqueles curtos segundos, tivesse sido o antídoto que eu tanto necessitava.

Os lábios dele quando tocaram os meus, e o toque leve dos seus dedos que passavam sutilmente sobre as maçãs do meu rosto, tudo isso trouxe uma calmaria ao meu coração que eu não saberia explicar.

Era como se esse toque, esses sentimentos e essas sensações transformassem tudo e me fizessem mudar o meu conceito sobre muitas coisas. Inclusive sobre a vida. Sobre o que realmente valeria a pena.

Mas eu sei que acreditar nisso e me segurar com todas as forças nessa ideia seria algo estúpido.

Depois daquele beijo, não houve outros. Não por conta de constrangimento ou qualquer coisa do tipo, apenas ficamos ali, olhando para o céu. O fato era que sabíamos a verdade, sabíamos o risco de dar vasão a algum tipo de sentimento amoroso.

Levando em consideração o meu estado emocional atual, a minhas inconstâncias em relação à vida e o meu desamor. Tudo isso era arriscado demais para se investir. Principalmente quando não se sabe se durará algumas horas, uma semana ou mais.

- Por que você escolheu ser policial? – digo após um tempo indeterminado de silêncio absoluto entre nós.

- Eu queria proteger as pessoas. – Ele dá de ombros, mas tem como perceber que não é só isso, por isso eu espero um pouco mais em silêncio enquanto olhamos para frente até que ele continue. – Tem relação com minha mãe. Quando ela morreu, se matou, eu me senti impotente e digamos que meu pai não ajudou muito a me sentir melhor. Ali eu descobri, quando vi seu corpo dentro do box do banheiro, seus olhos como duas bolas de vidros, que eu deveria ter ajudado ela a se proteger. Eu deveria tê-la ajudado a se salvar de si mesma.

Engulo em seco enquanto escuto a sua última frase, que fica repetindo em minha mente por alguns segundos.

- Por isso você quis me ajudar?

- Vi em sua expressão o medo de se libertar disso aqui, de sair desse lugar e ir para um lugar indefinido. Mas também vi o desejo de que você não tivesse que fazer isso para sair dessa tempestade que toma conta do seu coração e

sua mente. Vi em você a chance que eu não vi muitos anos atrás, de mostrar a minha mãe o desejo de viver, de despertar nela a noção de que podemos reverter qualquer situação na vida, desde que estivéssemos vivos. Que temos sempre força o bastante para lutar, para mudar, recomeçar. Para qualquer coisa. Desde que exista em nosso coração uma fagulha de desejo de assim fazer isso. Eu apenas queria que você se sentisse, hoje, parte de algo. Eu sei que eu não tinha um plano e que há grandes chances de eu não ter conseguido nada, não ter conseguido te ajudar nenhum pouco, mas eu posso ver você agora e posso ver seu coração completamente estampado no rosto, como a notícia do dia anterior estampada em letras garrafais na capa de um jornal.

Quando o André termina de falar eu posso perceber que ele está com dificuldade em respirar, suas palavras saíram depressa e cortadas, como se ele estivesse pensando muito mais do que conseguisse dizer por segundo.

Meus olhos ardem e posso sentir algumas lágrimas escorrerem pelo meu rosto, demonstrando ainda mais a fragilidade desse momento.

- E o que você ver? – pergunto enquanto tento me controlar emocionalmente. O que, tirando de conclusão do dia de hoje, é uma habilidade que sem dúvidas alguma, eu não tenho.

- Uma vontade ardente de ser salva – ele diz e ao mesmo tempo em que suas palavras saem da boca eu sinto meus olhos arderem mais e um arrepio percorrer de leve o meu corpo.

- Então me salve.

17:26

O sorriso estampado no rosto do André consegue me trazer um conforto que aplaca totalmente o medo que eu sinto em dizer isso, admitir não só a mim mesma, mas a ele e a todo o universo de que eu não só preciso, como eu peço, imploro, por ser salva.

Há doze meses eu me sinto sufocar, o tempo inteiro é como se tudo estivesse me matando aos poucos e o meu desejo é sair correndo para o colo da minha mãe, para o ombro amigo e acolhedor do meu pai ou silêncio do meu irmão.

Mas eu não tenho mais nada disso. Todos os meus botes salva-vidas afundaram enquanto eu me sinto afogar.

Eu não posso dizer que a relação dentro de casa era absurdamente boa, porque nunca é. Mas eu amava a minha família, com todas as minhas forças. E isso não é porque agora eu não os tenho mais.

Não é atoa que, quando eu os perdi, parece que todo o meu jardim tinha murchado. As flores secaram e dia após dia eu colhia as pétalas que caiam lentamente.

Essa era toda a minha sensação.

A ideia de não sentir mais o cheiro do jantar sendo preparado todas as noites, não ouvir mais as piadas do meu pai na mesa ou suas histórias do emprego, não ver mais o seu olhar amoroso a minha mãe e não ter mais o Pedro para lutar comigo pelo controle da televisão ou do videogame.

Tudo isso é o que mais me faz sofrer. Não é nem o fato de eu saber que nunca mais os verei ou que eles não fazem mais e nunca mais farão parte da minha vida ou verão minhas conquistas, nada disso. O que me faz sofrer são as memórias das coisas que passaram e que nunca mais vão voltar.

Mas então, de alguma forma, a sensação que todos esses hábitos diários da minha família me causava, voltou. A cada lugar que fui aqui, cada vez que respirei fundo, longe do vai e vem constante de carros, da loucura de barulho, longe de todos meus sentimentos.

Tudo isso parecia ter aliviado a dor das lembranças, e agora elas parecem bem menores. São apenas lembranças. Não marcas ou cicatrizes que me causam dor. Apenas episódios que fizeram parte da minha vida.

- Está na hora de descermos, antes que o sol suma de vez – o André me diz, me tirando da minha nuvem de pensamentos. Ele percebe minha cara de chateada e deixa escapar um pequeno e doce sorriso. – Vamos voltar aqui, algum

dia.

Meu coração dói e salta ao pensar que ele planeja algo para o futuro, um acontecimento que conte comigo. E cada vez mais eu sinto vontade de desistir da ideia louca de desistir de tudo. Minha cabeça começa a dar pequenas pontadas de dor ao pensar no que devo fazer. Desistir ou persistir?

Sinto minha respiração ficar um pouco ofegante e me levanto, colocando as mãos na cintura, esticando a coluna e olhando para o horizonte, enquanto espero por algo, alguma indicação, algum pensamento que me leve à decisão correta. Tudo isso é mais difícil do que eu pensei.

O André também se levanta e segura levemente em minha mão. Nesse momento eu fecho meus olhos, franzindo as sobrancelhas, sentindo uma dor inexplicável em meu coração.

- Vamos? – sua voz forte ecoa no silêncio que se formou por alguns minutos no mesmo instante que ele puxa minha mão. – Devemos demorar uns dez minutos para chegarmos até onde está o carro e descer é sempre mais difícil, o que se torna 500 milhões de vezes pior quando tudo está escuro.

Não posso deixar de rir ao ouvir sua estimativa de quão pior é descer. Sinto vontade de perguntar em qual universidade foi feita aquela pesquisa, mas apenas ignoro e o sigo.

Sempre tive medo de descer escadas de madeira. Subir era completamente tranquilo, mas descer era um grande pesadelo. Ter que dar um passo atrás do outro, de costas, sem saber direito onde estou pisando me deixa completamente em pânico. Por isso, depois de algumas vezes ter passado por isso, desisti e nunca mais subi em nenhum desses tipos de escadas.

Não tinha cogitado a ideia de que subir nessa pedra era mais ou menos a mesma coisa. Ter que descer agora ia ser um grande sacrifício. Eu só aceitei subir aqui porque vi que era algo possível e não tão perigoso, mas descer agora, com o sol já se pondo e sem conseguir olhar para trás parecia bem pior.

- Está com medo? – Vejo um sorriso irônico na boca do André. Por mais que eu tente suavizar a minha expressão, não consigo. Minha mãe sempre me disse que eu era muito expressiva e nunca conseguia disfarçar. Ela tinha toda a razão.

Ele estende a sua mão enquanto eu tento descer. Dou alguns passos para baixo, enquanto apoio os meus pés em lugares que eu não sei o que são, mas sei que são firmes. Antes que sobre espaço para o André descer também, meu pé se apoia em uma pedra que parecia firme, até que eu apoiasse todo meu corpo e sentisse meu pé no ar e minha mão escorregar na pedra úmida da maresia.

Um grito estridente sai da minha garganta que arde no segundo seguinte. E então tento jogar meu pé contra a pedra, achando algum lugar para me apoiar, mas agora ela está completamente lisa. Nessa tentativa meu joelho passa pela pedra e rasga a calça junto com um bom pedaço de pele, sinto o sangue quente molhar o jeans, encharcando minha pele. Ao ver todo aquele sangue saindo sinto uma vertigem, o que faz com que minha outra mão também comece a escorregar e minha cabeça girar.

Antes que meus olhos se fechem, escuto o André gritando o meu nome e então sua mão segurando forte o meu braço. Seus dedos apertam tanto que o meu penúltimo pensamento antes de tudo ficar escuro é que vou ficar com a marca daqueles cinco dedos por pelo menos um mês.

Meu último pensamento são apenas três palavras: não quero morrer.

20:05

Abro meus olhos e a claridade me assusta no mesmo instante, tem uma luz muito forte que faz com que eu sinta grandes pontadas acima dos olhos. Está tudo branco a minha frente.

Eu morri.

Eu morri?

- Catarina? – uma voz me chama e toca em meu braço. O que me faz virar e ver uma mesa com um jarro de flores amarelas, uma carteira e uma chave. E claro, um homem.

Um homem vestido com uma blusa azul clara de mangas compridas e botões brancos, da mesma cor do seu jaleco me olha atento e com um pequeno sorriso no rosto. Ah, ele é um médico.

- Sim– é a única coisa que eu posso dizer, é a única coisa que meu cérebro consegue processar após essa onda de susto e pânico.

- Você está bem. O problema foi o susto de cair, o que é completamente compreensível tendo em vista que estavam sem equipamento adequado para escalar ali. Mas deu muita sorte, me falaram que você esteve aqui ontem à noite por conta de um acidente de carro que poderia ter custado também a sua vida. Você é uma menina de sorte. Levou apenas alguns pontos na perna por conta do machucado e deslocou o ombro quando o seu namorado tentou te puxar para cima. Mas poderia ser muito, muito pior. Vai ficar em observação nessa noite e amanhã cedo estará liberada.

De tudo que o médico falou apenas uma palavra estava em minha mente enquanto eu assentia e forçava um sorriso e ele desaparecida, me deixando sozinha naquele quarto branco e mostarda.

Namorado.

Foi isso que o André disse que era meu? Não, claro que não. Não estamos namorando. Nada disso. Aquilo é completamente ridículo e ilusório. Eu tenho coisas demais para me preocupar, como cuidar da minha mente.

Não demorou muitos minutos até o André aparecesse no quarto. Sua boca formava uma linha reta e tensa, mas assim que eu o vi e dei um sorriso, completamente um ato reflexo, ele também sorriu e sua expressão se suavizou. Mas seus olhos revelavam algo mais. Algo completamente indecifrável.

- Está tudo bem? – ele me pergunta enquanto se senta na ponta da minha cama, junto aos meus pés e continua me olhando, com a mesma expressão.

- Soube que você deslocou meu ombro. Achei que tentasse salvar

vidas – digo e abro um sorriso um pouco maior, tento cruzar meu braço, mas então vejo que o gesso me impossibilita disso. Ele não demonstra nenhum sorriso.

- Às vezes é muito difícil tentar salvar quem não quer ser salva – ele diz e suas palavras vêm como um soco para mim. – Eu achei que você quisesse ser salva, Catarina! Eu jurava que era isso que você queria. Os seus olhos imploravam por isso e antes de sairmos dali você disse que queria que eu te salvasse. Eu sei, sou um ser humano, um policial, eu tenho milhares de vidas para salvar por aí, milhares de pessoas que querem realmente ser salvas e enquanto isso eu tenho que me salvar, eu sei que não sou capaz de grandes coisas quando não estou com uma arma em minhas mãos e um uniforme em meu corpo, mas eu iria te ajudar. Com todas as forças.

- Iria? – é tudo que consigo dizer enquanto sinto os meus olhos arderem. *AH NÃO, NÃO, NÃO, NÃO*. Eu, euzinha, não vou chorar. Nem derramar uma única lágrima.

- Por que você fez aquilo? – Ele diz e percebo sua expressão tensa, a mandíbula cerrada e seus dentes travados, uma expressão de dor e ódio toma conta do seu rosto.

- Eu escorreguei – digo, assustada.

Ele solta um sorriso de quem não acredita em nem uma palavra do que acaba de ouvir. Como se dissesse: acha que sou idiota? E então tudo vai se ligando em minha cabeça. Ele acha que eu apenas inventei que queria ser salva para que ele não insistisse mais. E então, achei a oportunidade perfeita para acabar.

- Você não acredita – era para ser uma pergunta, mas acaba saindo como uma afirmação.

- Catarina, eu aceito – ele diz e balança a cabeça várias vezes em afirmação. - Passei a minha vida toda tentando salvar vidas, e consegui muitas vezes, mas não em todas. Sabe quais foram essas? Pessoas que simplesmente não queriam ser salvas. Pessoas que se afogavam e não importava quantos botes salva vidas você jogasse elas jamais pegariam nenhum. E você é essa pessoa. E eu aceito isso. Porque eu não posso querer viver por você. Você tem que querer.

- Mas eu quero! – solto um grito que estava preso em minha garganta. Sento-me na cama com tanta rapidez que sinto a minha cabeça girar no mesmo instante.

- Não sei o que é isso, se é apenas atenção ou qualquer coisa do tipo. Mas eu sei que você não quer ser salva. Eu sei que eu apenas não quero alimentar nada por você sabendo que a qualquer momento você pode jogar seu pé em alguma pedra e se soltar.

Ele joga as mãos para o alto e sai do quarto, me deixando sozinha e em prantos. Faz um ano que eu não fico nesse estado. Minha boca treme enquanto solto gemidos e sons estranhos. Minhas mãos também tremem e minha cabeça dói, enquanto tento me acalmar diversas vezes, em vãs e falhas tentativas.

Minha vontade é de apenas desistir, deitar, virar e dormir para sempre. Apagar tudo e nunca mais me levantar daqui, nunca mais abrir os meus olhos. Mas assim que os fecho, eu posso ver a última expressão do André antes de ir embora. Sua mandíbula cerrada, seu olhar com dor e uma lagrima, única e incontrolável que desce pelo seu rosto antes que ele possa sair do quarto.

E, por algum motivo, eu sei que eu não posso querer nada daquilo para mim. Porque eu sei que existe um motivo para escolher viver.

EPILÓGO
20:05
25 DE DEZEMBRO DO ANO SEGUINTE.

Dirigir na noite de véspera de natal é a melhor coisa que existe. Você somente vê um carro a cada meia hora e olhe lá. É como se fosse somente você no mundo e tudo tivesse desaparecido, trocado de planeta.

Mesmo sabendo que as pistas estão vazias eu me mantenho atenta à estrada. O GPS indica a rua que devo virar e desligo o carro assim que chego a um portão gigantesco e branco. Olho novamente para o GPS e tenho certeza que é o endereço indicado.

Respiro fundo antes de abrir a porta do carro e então saio antes que eu comece a contar até três, ligue o carro de novo e dê meia volta.

Eu preciso fazer isso.

Não escuto nenhum barulho dentro da casa, ao contrário de algumas da vizinhança. O que indica ou que não tem ninguém em casa ou que o André apenas não quer comemorar.

Eu, na verdade, não faço ideia do que eu vou dizer. *Obrigada?* Não, parece frio e formal. Obrigada dizemos quando alguém nos oferece um copo d'água, não quando alguém salva sua vida em todos os sentidos possíveis.

Antes que possa pensar em algo mais, toco a campainha. Os segundos a seguir parecem que são de tortura absoluta, passo a mão pelo meu vestido vermelho e tento ajeitar os cachos do cabelo totalmente falsos de babyliss, até que ele abre uma pequena porta ao lado do enorme portão.

Assim que ele me vê sua expressão é de surpresa. E eu engulo em seco. Eu deveria ter mandado um e-mail, uma carta, qualquer coisa, até uma coruja. Mas não deveria ter aparecido aqui assim, sem nem saber o que falar, o que fazer.

Mas antes que eu possa dizer algo, mesmo sem nem saber se encontraria palavras ou teria força na língua para fazer isso, ele abre um sorriso e me dá um abraço, empurrando a porta para trás e fazendo um sinal para que eu entre.

Ele não me pergunta por que estou ali, como ainda estou aqui, parada, respirando, com vida. E eu o agradeço por isso. Por que eu jamais saberia lhe dizer o motivo de ter escolhido viver, mas sei que eu apenas precisava.

Essa história ainda não acabou...

Você gostou de ‘24 Horas Para Escolher Viver’ e precisar de mais?
Tenho uma boa notícia!
Dado aos pedidos dos leitores queridos, eu resolvi escrever uma continuação para Catarina e André e ela já está disponível aqui na Amazon!
O título é “24 Horas para Sobreviver”.
Confira a sinopse:
Cinco anos se passaram desde que Catarina se reencontrou com André e desde então muitas coisas aconteceram com os dois. Agora eles estão casados e com a vida estabelecida em uma cidade no litoral de Santa Catarina, mas o futuro ainda não para de pregar peças nos dois.

Um grave acidente acontece com André, fazendo com que todos os medos e temores que Catarina há anos luta contra, voltem a tona novamente.

Agora ela está sozinha pelas próximas 24 horas, enquanto André luta em uma sala de cirurgia para sobreviver, Catarina relembra toda sua vida durante os ultimo seis anos e busca respostas para um futuro incerto.

Quer mais? Então leia o Prólogo:

Prólogo de *24 Horas para Sobreviver*

Você já encontrou uma pessoa que mudou completamente a sua vida? Que lhe deu um novo frescor para os dias agitados, lhe deu a calmaria necessária para as turbulências do coração que ninguém mais entendia?

Você já encontrou uma pessoa que te percebeu com olhos singulares e em uma visão, sob uma perspectiva, que ninguém, nem uma única outra pessoa no mundo, faria igual? Que simplesmente não desistia mesmo quando você afirmava veemente que não precisava?

Você já encontrou uma pessoa que lhe ensinou a viver de um jeito novo e completamente peculiar ao que você acreditava? Uma pessoa que fez a vida valer muito mais a pena? Que lhe mostrou que viver é estar nesse mundo para além do simples existir, que é sentir e se deixar ser sentido?

Eu encontrei.

E continuo encontrando essa pessoa todos os dias quando meus olhos se abrem e minha mente desperta depois de uma noite de sono, então viro para o lado esquerdo da cama, vejo os raios de sol entrando pela janela, faço uma oração silenciosa com um sorriso nos lábios e o vejo ali.

Nunca imaginaria que eu encontraria em alguém tantas coisas que eu não sabia que deseja e precisava tanto. Nunca imaginaria que um acidente frustrante poderia fazer com que Deus trouxesse para minha vida o melhor presente que eu poderia receber. O melhor presente não apenas para aquele dia, mas para todos os que eu ainda viveria pela frente – contados não mais por mim, mas sim por aquele que tem todo o controle do tempo, da vida, de toda a Sua Criação.

Ele me deu o que eu nem sequer sabia que queria ou precisava. Ele me deu a alegria que meu coração secretamente ansiava, o desejo louco de viver de verdade quando eu acreditava ferozmente que nada mais nesse mundo valia a pena. Ele me curou. Ele me deu o André. E através do André tudo isso foi feito em mim.

— Você já acordou? — André me pergunta enquanto franze seus olhos, estranhado a claridade do sol que deixava seus raios penetrar pela cortina azul claro do quarto.

Eu apenas aceno com a cabeça, com os olhos marejados de uma transbordante felicidade súbita que volta e meia me faz uma visita, me fazendo lembrar o quanto eu sou abençoada. O quanto uma vida pode mudar da noite para o dia.

Baixe a história completa ou leia pelo Kindle Unlimited!

Notas da autora

Conseguir escrever esse conto foi um enorme desafio para mim, queria que ele passasse uma mensagem importante sobre a força que há dentro de nós mesmo diante das piores situações, que muitas vezes não podemos mudar a situação em que estamos, mas podemos mudar a forma como lidamos com ela — e isso faz toda a diferença. Escrever sobre o tema de forma equilibrada foi um grande desafio, e espero que em nenhum momento ele tenha passado uma imagem negativa sobre depressão e as dores de uma perda. Por isso, espero que ele tenha trazido a você uma boa mensagem e motivação para algo em sua vida, assim como trouxe para mim enquanto eu o escrevia.

Agradeço a cada leitor que tem me acompanhando desde o *Wattpad* até aqui, por cada pessoa que tem lido esse conto, cada crítica construtiva, cada elogio. Isso me motiva a seguir o meu maior sonho — deixar os sentimentos transbordam em forma de palavras, ou seja, ser escritora.

Sobre a autora

Aléxia Macêdo tem 19 anos, faz faculdade de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro e começou a escrever por pura diversão na plataforma Wattpad. Conforme o amor pela escrita aumentava, mais ela conquistava leitores e novas histórias surgiam em sua mente. Atualmente ela tem dois livros completos no Wattpad e está escrevendo sua segunda Ficção Adolescente chamada "Como Conquistar Meu Melhor Amigo", conheça mais dessa história:



COMO CONQUISTAR MEU MELHOR AMIGO:

Mariana tem exatamente tudo planejado para sua vida: entrar na faculdade de jornalismo aos 17 anos e terminar aos 21, conhecer dez países antes do 25 e encontrar o cara certo aos 30. O que ela não espera é que justamente uma prova de física consiga desencaminhar todos os planos que ela já tem listados.
Ao receber a ajuda de Bernardo, seu melhor amigo, para conseguir se dar bem na recuperação da prova, Mari percebe que até se pode planejar tudo na vida, mas isso não significa que irá viver o que tem em mente. Agora ela se encontra apaixonada pelo seu melhor amigo, que não parece tão interessado assim nela por sua própria culpa. Para piorar a situação, Mari começa a sofrer de crises de ansiedade. Para ajudar sua amiga, Beatrice tem a ideia brilhante de formar um plano que fará com que Mari não reprima mais seus sentimentos e de quebra conquiste o coração de Bernardo. Será que existe um caminho que pode ser trilhado para se chegar ao coração de alguém? Mariana vai ter que descobrir...

Você pode ler a história no site/app Wattpad.